

**FIGURAS DA ENUNCIACÃO : OS GESTOS DISCURSIVOS DO SABER<sup>1</sup>**

Sémir Badir, Stéphane Polis e François Provenzano

*Silvana Silva<sup>2</sup>*

**Resumo:** Esta tradução comentada tem como objetivo apresentar ao linguista, em especial ao estudioso das teorias enunciativas, a potencialidade da discussão e inserção do conceito de *gesto* na descrição e teoria linguística. O autor, Sémir Badir, adota uma perspectiva ‘ampliada’, integrando o gesto a uma visão retórica de longa tradição bem como a conceitos contemporâneos da pragmática, como ato de linguagem, e da linguística textual, como sequência textual. Mostra ainda que o gesto está na interface com as figuras de pensamento e qualquer teorização sobre ele deve integrar essa discussão para além de uma dimensão estilística ou estética, atingindo um patamar da própria natureza da linguagem. Apresentamos inicialmente uma discussão das fontes citadas pelo autor e, em seguida, passamos à tradução propriamente dita.

**Palavras-chave:** gesto; enunciação; retórica ;epistemologia da linguística

**Abstract:** This commented translation aims to present to the linguist, especially to the linguist of enunciative theories, the potential of the discussion and insertion of the concept of gesture in the linguistic description and theory. The author, Sémir Badir, adopts an 'expanded' perspective, integrating the gesture with a rhetorical vision of long tradition as well as with contemporary concepts of pragmatics, as an act of language, and of textual linguistics, as a textual sequence. It also shows that the gesture is at the interface with the figures of thought and any theorization about it must integrate this discussion beyond a stylistic or aesthetic dimension, reaching a level of the very nature of language. We initially present a discussion of the sources cited by the author and then move on to the translation itself.

**Keywords:** gesture; enunciation; rethoric; epistemology of linguistics

**Introdução e Tradução comentada**

Sémir Badir, conhecido especialista na obra de Hjelmslev, lança mão nesse artigo de algumas referências pouco usuais em suas reflexões : ainda que a Retórica esteja presente em outras obras como o artigo « Benveniste seria hoje um linguista da enunciação ? (tradução

---

<sup>1</sup> Agradecemos a autorização da presente Tradução ao Prof. Sémir Badir. O original foi publicado como capítulo do livro :BIGLARI, A. SALVAN, G.(dir.) Figures en discours. Academia L’Hamarttan, 2017, p. 93-116. Toda a produção bibliográfica do Prof. Badir está disponível em: <https://orbi.uliege.be/browse?type=authorulg&rpp=20&value=Badir%2C+S%C3%A9mir+p001645>. Acesso em 29/05/2020.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras (UFRGS).

nossa, publicada na ReVel, 2020), no presente artigo ela se mostra em toda a sua força, trazendo novas luzes para o campo de estudos enunciativos da linguagem. De fato, a noção de *esquemata* (Aristóteles) e sobretudo as etapas do discurso (*inventio*, *elocutio*, *dispositio* e outras) iluminam as análises sobre o gesto e como este pode ser considerado pelos estudos linguísticos.

Destaca-se ainda a análise metalinguística empreendida pelo autor de três artigos de fonologia sobre a questão do *acento* que, num primeiro momento, poderíamos nos questionar sobre sua pertinência à discussão postas. Ao longo do artigo, no entanto, compreendemos que Badir nos mostra que a questão do *gesto* e mesmo a questão do *acento* tem sido subdimensionada nas análises linguísticas contemporâneas e que talvez somente uma volta à tradição retórica poderia restaurar sua verdadeira complexidade.

Destacamos, por fim, algumas referências trazidas pelo artigo menos conhecidas do leitor brasileiro e que merecem espaço: Guérin (2001) e seu comentário ao Banquete de Platão e Bonhomme (2005) e sua pragmática de figuras do discurso. Certamente, esses dois autores ajudaram Badir a construir uma abordagem do gesto em perspectiva mais ampla do que a tradicional estilística e retórica.

### Tradução

No comentário que P. Ricoeur dedica ao tratamento da metáfora na *Retórica* de Aristóteles, ele insiste sobre a virtude da « figuratividade » atribuída pelo filósofo grego a essa fonte da *lexis* (termo grego para *elocutio*, doravante utilizado): « ‘Colocar sob os olhos’ não é [...] uma função acessória da metáfora, mas de fato o próprio da figura » (Ricoeur, 1975, p. 49). « Tomar », « fazer ver », « fazer imagem » (lit. « colocar sob os olhos ») são, com efeito, os termos empregados por Aristóteles (*Retórica*, III, 1411a-b) para justificar o lugar das figuras – em primeiro lugar, da metáfora – entre o arsenal de técnicas de formação do discurso persuasivo.

É surpreendente constatar a que ponto essas escolhas terminológicas colocariam inicialmente o estudo de figuras em uma perspectiva pragmática, mais do que em uma perspectiva estilística. A razão de ser de uma figura em um discurso persuasivo é que ela participa plenamente do projeto enunciativo global do dito discurso (« fazer ver »), mais do que ser um ornamento periférico do seu enunciado. Trata-se de uma constatação que a virada pragmática na análise de figuras (ao menos desde Bonhomme, 2005) já tinha feito bem. Nos parece, entretanto, que a transferência da problematização estilística em direção a um quadro pragmático rompeu, quem sabe, muito radicalmente as amarras retóricas; dito em outras

palavras: ao virar as costas a uma tradição da retórica de figuras que limitava seu escopo ao campo do *elocutio*, nós talvez esquecemos muito rapidamente que, antes de conhecer sua drástica pressão sobre a formação do enunciado figural, a retórica já integraria a etapa da *elocutio* em um percurso finalizado pelo horizonte pragmático de uma persuasão. Esse percurso obriga a ler as figuras, como todo outro traço verbalizado no enunciado produzido pelo *elocutio*, em relação com a intenção expressiva de onde elas provêm (« fazer ver », por exemplo). É a partir dessa ligação reencontrada entre enunciado e enunciação que nos propomos a dar conta do deslocamento terminológico, da *figura* ao *gesto*.

## 1. Da figura ao gesto

### 1.1. Arqueologia conceitual

Esse ajuste terminológico consiste, na realidade, em renunciar ao antigo conceito de *esquemata*. Sem ser de fato conceitualizado, o gesto discursivo se encontra frequentemente empregado no comentário filosófico, e mais particularmente no comentário de filósofos da Antiguidade para os quais a retórica e a filosofia entram em estreita relação uma com a outra<sup>3</sup>. Uma tradução literal (por Zangara, 2007, p. 259, n. 4) de uma passagem de *Brutus ou Diálogo sobre oradores ilustres* de Cícero dá assim a parafrasear os *oyzmata* dos gregos por « tipo de gestos de discurso » (*quasi aliquos gestus orationis*), esses mesmos *esquemata* que *L'Institution oratoire* de Quintiliano, na tradução de Jean Cousin, denomina sob o sintagma « figuras do discurso ». O *esquema* de Aristóteles tem, com efeito, segundo P. Sauvanet (1998, p. 51), tanto de gesto corporal quanto da figura de estilo<sup>4</sup>. Os *esquemata* podem ser deslocados segundo dois constituintes de todo discurso : o texto enunciado, onde se colocam as figuras, e a prática enunciativa, dependente de uma « atitude » geral, ao mesmo tempo propósito e comportamento, que poderíamos articular em *gestos discursivos*<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Alguns exemplos em Piché e Lauffleur (1999, p. 266), Guérin (2001, p. 266), Coulon (2004, p. 38), Schiaritti (2013, p. 163).

<sup>4</sup> Conceito que encontramos igualmente no conceito de *gesto verbal* proposto outrora por A. Jolles (1972) : entre corpo e texto, o gesto verbal define uma « postura de composição » (Puglia, 2014, p. 2), a incorporação de um princípio de composição no discurso.

<sup>5</sup> Não é sem interesse que observar aqui que, no seu ensaio *Figura*, Auerbach (1993) insiste de início sobre o fato que no latim *figura* « é derivado diretamente do radical [fingere] e não do supino [...] Essa formação específica exprime alguma coisa de vivo e de movente [...] O sentido da forma dinâmica não é em nenhum caso estranho ao *esquema*, mas *figura* acentua de outra forma esse componente de movimento e transformação ». O termo « figura » parece igualmente integrar *ab initio* uma forte dimensão conceitual « ativa ». Encontramos outras concepções da figura como emanando do corpo e de seus gestos em Barthes (1977, p. 7-8) ; além disso, é ainda o termo de gesto que é escolhido por J. Cavallès a fim de dar conta do trabalho matemático aliando signos a idealidades (Cavallès, 1938).

Como podemos ver, a concepção do gesto discursivo que nós propomos pode solicitar uma tradição larga, ainda que dispersa. O gesto discursivo é a outra face da figura de estilo, e mais particularmente desse tipo de figuras que se desdobram sobre mais de um sintagma, sobre uma frase, várias frases, ou mesmo um texto inteiro e que chamaremos por vezes de « figuras de pensamento »<sup>6</sup>. A concepção de gesto discursivo ativa essa distinção proposta nas margens da retórica (por Lyotard, 1971, no campo da filosofia, retomada mais recentemente por Zilberberg, 2010, no campo da semiótica) entre o *figurativo* e o *figural*. Enquanto a figura possui um versante figurativo muito afirmado, o figural dá forma ao pensamento e mostra de qual pensamento o gesto é o sustentáculo. O gesto discursivo não é, com efeito, estreitamente circunscrito no enunciado, mas deixa entrever através de traços a maneira figural de que um discurso procede.

## 1.2 Arqueologia terminológica

Quanto à expressão de « gesto discursivo », ou aquela vizinha de « gesto do discurso », ela não é mais inédita e encontramos algumas ocorrências nas ciências da linguagem. J. Peytard a utiliza em um comentário sobre Bakhtin ao entorno de uma frase onde o vocabulário da psicanálise alimenta o do linguista<sup>7</sup> ; o *gesto discursivo* aponta nesse caso um comportamento linguageiro. F. Rastier emprega a expressão para dar a entender a significação global dos *Prolegômenos à uma teoria da linguagem* de Hjelmslev como um « gesto de fundação »<sup>8</sup>. A última ocorrência que nós mencionamos é também a mais eloquente, pois ela é seguida de uma paráfrase explicativa. Ela se deve a C. Normand :

[...] chamaremos de « gesto de discurso », seja o emprego, na troca intersubjetiva, de uma forma comum que se presta a interpretações variadas, explicação, apelo ou simples piscada de olhos, em todo caso, um endereçamento e uma incitação a seguir, que supõe a co-presença de enunciadore (Normand, 2006, p. 19).

É aqui a concomitância entre produção discursiva e interpretação que exige a conotação behaviorista presente nessa concepção de *gesto de discurso*. Como observamos, se estamos em

---

<sup>6</sup> « Metalogismos » segundo Grupo  $\mu$  (1970) ; « figuras macro-estruturais » segundo Molinié (1997, p. 223 sq.). Para a ideia de « figuras se implantando sobre a totalidade do espaço enunciativo », ver Bonhomme (2005, p. 29-31).

<sup>7</sup> « [...] e fato que esse seja o Outro que rege seu gesto discursivo » (Peytard e Moirand, 1992, p. 28)

<sup>8</sup> « O gesto de Hjelmslev é, de início, discursivo, ou, ao menos, pode ser estudado como tal, pois a *oratio* comanda a *ratio* » (Rastier, 1997 : 141).

situação de comunicação efetiva ou diferenciada, é feito apelo ao discurso como *praxis* nas três ocorrências mencionadas, e essa prática não é reduzida à sua dimensão material, oral ou escriptural, mas é dirigida por intenções gerais, esquemas de ação, horizontes de atenção<sup>9</sup>, contratos cênicos<sup>10</sup>, traçando mais uma rota do que impondo uma estrutura de enunciados. É esse propósito praxiológico do discurso que o conceito de gesto tenta apreender, na medida em que configura ao mesmo tempo os parceiros da troca e a semiose do próprio discurso. Como sugere T.Maia, em uma coletânea dedicada ao gesto da arte, « um gesto seria antes de tudo o que *precede* a diferença entre um conteúdo e uma forma. Um gesto, essencialmente, *dá forma* a um sentido que emerge » (Maia, 2014, p. 86).

### 1.3 Por uma teoria do gesto discursivo

#### 1.3.1 Situar o conceito de gesto : entre sequência textual e ato de linguagem

Com o objetivo de estabelecer antes de tudo o conceito de gesto discursivo, o situamos ainda em função de dois outros conceitos largamente utilizados em ciências da linguagem, o de *sequência textual*, de um lado, e aquele de *ato de linguagem*, de outro lado.

O conceito de *sequência textual* é introduzido por J.-M. Adam ao retomar da semiótica narrativa o postulado da divisão de um relato em unidades funcionais encadeadas umas às outras e suscetíveis de uma hierarquização composicional (em períodos e sequências). Adam estende esse postulado ao conjunto de textos, de qualquer natureza que eles sejam, e, portanto, a textos igualmente não narrativos (1990, p. 9).

O conceito de *gesto discursivo* advém da mesma hipótese composicional mas ao se aplicar não ao *enunciado* textual mas de fato a sua *enunciação*. Não se trata de dar conta do conteúdo do texto, mas dos processos pelos quais um discurso é alimentado e ordenado, produzindo o texto enunciado e permitindo interpretá-lo. Não mais o relato, portanto, mas a enunciação narrativa, isto é, a *narração*, com as funções próprias à enunciação de um relato. Entre essas funções, a narratologia, ao menos desde Genette (1972) e até Rabatel (2008), centrou sua atenção sobre a focalização, ao fazer, essencialmente, do narrador uma instância perceptiva. Ou, como todo actante, ele não faz mais que perceber : ao narrar, ele age. Ele agira portanto ao descrever um *comportamento* segundo o qual um narrador procede ao relato. Esse

---

<sup>9</sup> Ver Jauss (1978).

<sup>10</sup> Ver Maingueneau (1993).

comportamento se dá a ver como encadeamento de gestos, distinto do encadeamento de sequências e funções do relato. Por exemplo, o encadeamento *suspense-curiosidade-surpresa*, tal como estudado por Baroni (2007), releva da narração, não de ações narradas. Que pensemos igualmente na estruturação de capítulos, quanto a ela ordinariamente pouco estudada pela narratologia clássica (salvo precisamente quando ela é acompanhada de mudanças de focalização) : podemos ver aí o traço de um comportamento narracional particular. A própria narração não é, portanto, entendida aqui como um tipo de texto enunciado mas também como um tipo de enunciação, ou sobretudo, porque ele não é necessário para estabelecer um avanço à tipologia, como uma possibilidade de produção e de interpretação global de um discurso. Outras possibilidades existem e podemos nos contentar aqui de as retomar, simplesmente a título de hipótese de trabalho, os tipos recenseados, sem pretensão de exaustividade, por Adam (1992) : relato, descrição, argumentação, explicação e diálogo. De fato, o conceito de gesto discursivo deve permitir testar, à sua maneira, a adequação de tais « tipos de textos » em função de percursos discursivos que são extraídos de textos particulares.

O conceito de *ato de linguagem* raramente foi colocado em aplicação na análise de textos, apesar de veleidades que levam a esse sentido, consistindo em considerar « macro-atos » (Nef, 1980) calcados sobre as macro-ações de Van Dijk (1977) e frequentemente mencionadas desde Adam (1990, p. 103 ; Maingueneau, 1991, p. 174), mas não desenvolvidas verdadeiramente. Ao propor o conceito de *gesto discursivo*, desejamos retomar a hipótese de Nef de um macro-ato no nível enunciativo desligando do quadro teórico de atos de linguagem e da pragmática linguística, de uma parte da preocupação própria à retórica atual (Amossy, 2000), estendendo seu alcance a outros discursos que não os discursos com visada argumentativa, por outro lado, como mostrou a análise enunciativa, a textualidade oferece aos gestos discursivos outras formas de saliência além das marcas verbais únicas da ilocução.

Como a figura, que podemos definir como uma saliência do enunciado<sup>11</sup>, o gesto discursivo será assim definido como *saliência da enunciação*. Em uma palavra-valise gráfica, podemos dizer que ele manifesta um *propósito do discurso* ; ou como um começo de sentido, em produção como em interpretação, se elabora em discurso. Que não pensemos que a localização de gestos discursivos se reduza a glosas enunciativas : *que je vous explique, tel est le décor, je nomme ceci x, je définis y de telle manière, nous passons maintenant à, mon sentiment est que,*

---

<sup>11</sup> Ver nesse sentido Bonhomme (2005, p. 23-seg) que se posiciona em favor de uma abordagem *ex positivo* de figuras (olhando-as como esquemas discursivos balisando as produções verbais) e fala a seu respeito de « variações discursivas salientes » ou ainda de « saliência figural » (2005, p. 258)

*je crois pouvoir vous annoncer que, figurez-vous que, dis-moi si tu penses que*, etc. Na maior parte do tempo, tais glosas se ausentam do enunciado, não porque os gestos discursivos permanecem implícitos mas sobretudo porque, na medida que eles são constitutivos do discurso, eles não instauram aí necessariamente reflexividade.

### 1.3.2 O gesto no seu quadro retórico

Como nós dissemos antes, a noção de *gesto* permite reconectar com o quadro conceitual original da retórica (1.1). Esse quadro prevê notadamente uma articulação estreita entre a *elocutio* e as fases anteriores de elaboração do discurso cuja colocação em palavra porta o traço verbal. É em todo caso uma das hipóteses que nós queremos explorar nas análises que seguem (3), ao considerar os enunciados pelos quais eles revelam condições de sua produção. Nós ligamos isso a postulados a partir de agora triviais da análise enunciativa, mas reconsiderados à luz de quadros da retórica antiga.

Para lembrar, o que organizava as etapas anteriores à *elocutio* em *inventio*, de início, e *dispositio*, em seguida. Essas etapas são centradas, para a primeira, sobre o recenseamento paradigmático de provas e, para a segunda, sobre o agenciamento sintagmático. Postulamos que elas constituem, com a *elocutio*, as matrizes enunciativas fundamentais à luz das quais podem se compreender os gestos discursivos. Consideramos, com efeito, que as escolhas formais de todo enunciado (tais como manifestadas pela *elocutio*) apontam, com intensidades variáveis, em direção a cada um desses polos, isto é que eles dependem de um gesto relevando tanto da *inventio*, quanto da *dispositio*, tanto conjuntamente dos dois domínios. Quanto à *elocutio*, ela constituirá precisamente o ponto onde a noção de *gesto* junta-se à de *figura* : quando as formas do enunciado não são polarizadas por nada além de outras formas de enunciado, enquanto o gesto coincide com seu próprio traço e se dissolve no que chamamos tradicionalmente uma *figura*.

Se aceitamos a hipótese formulada acima, a saber, que as diferentes etapas da produção de um enunciado são guiadas por gestos discursivos, isso resulta que esses últimos subentendem necessariamente o *logos* em todos os seus componentes. Os efeitos de gestos não se limitam todavia a essa esfera. Assim que observamos nos estudos de caso acima (3.), eles irrigam as outras dimensões argumentativas e podem participar, mais ou menos diretamente, da construção do *ethos* do enunciador (3.3.4.) e ao de *pathos* interlocutivo (b. conclusão). Nesse sentido, os gestos, ao impor forma e sentido a um discurso, moldam igualmente o enunciador e o enunciatário.

## 2. Gestos e discurso científico

Escolhemos colocar o conceito de *gesto discursivo* à prova de um corpus particular, relevando do discurso científico, e mais especificamente da linguística. Nos últimos anos, os trabalhos voltados a esse tipo de corpus se multiplicaram e abriram novas perspectivas, na intersecção da análise do discurso e da epistemologia. Pensamos que o conceito de *gesto*, com o método de análise que o acompanha, pode enriquecer essas perspectivas.

Primeiramente, a análise por gestos funda-se sobre uma grade que transcende radicalmente as partilhas instituídas entre o discurso científico e outros gêneros discursivos. Ao reatar com o quadro conceitual de uma retórica no sentido largo, ela permite melhor colocar à luz os recursos formais e os efeitos de sentido que sobrepõem as categorias genéricas tradicionalmente instituídas.

Em segundo lugar, a abordagem escolhida aqui tende à ultrapassar a alternativa entre a racionalidade científica e as textualizações da ciência. Entre a pesquisa (potencialmente normativa) de condições objetivas da comunicação do saber e a desconstrução do dogma da Verdade científica por sua dissolução nas estratégias textuais, há lugar, cremos, para uma retórica da ciência que esclarece as condições textuais de verdades científicas, isto é, que observa os discursos ao tomar a sério o projeto de conhecimento e ao procurar nas formas textualizadas os traços de uma prática de avanço do saber.

Dáí decorre a passagem de uma terceira (falsa) alternativa entre sociologia de ciências e linguística do discurso científico. Se a produção de um tal discurso não se reduz às lógicas do trabalho na comunidade de experts, ela não compreende não mais pela única descrição de escolhas linguísticas próprias à dita comunidade. O *gesto* se inscreve em uma zona terminológica e conceitual muito benvenistiana, que observa as interfaces entre os recursos formais e os usuários do sistema. Para o que concerne o discurso do saber, essa interface é particularmente crucial, pois ela concerne tanto a relação do indivíduo à sua coletividade que aquela de formas de vida às normas epistemológicas. Nisso e como esboçado acima (1.3.2), o gesto convida a reatar um diálogo, sem dúvida interrompido desde o desmembramento da retórica, entre as ciências da linguagem, a filosofia e a antropologia, ao se situar no plano do seguinte questionamento : como o homem é construído por formas de seu *logos*, ao construir ao mesmo tempo como essas mesmas formas, sua ligação com o mundo, com os outros e, nesse caso, com a verdade?

### **3. A gestualidade em prática : três estudos de caso**



### 3.1 Apresentação do *corpus*

Nosso estudo é do tipo qualitativo: ele se dará sobre três textos unicamente. A seleção à qual esse corpus é submetido, exceto quando ele releva da disciplina linguística, é aquele de um gênero: trata-se de artigos publicados em revista. Além disso, e sempre com a preocupação de limitar ao máximo a intervenção de caracterizações externas àquelas que procuramos, os três textos selecionados voltam-se sobre um mesmo objeto, a saber, o acento linguístico. As diferenças entre os gestos discursivos que nós observamos entre os três artigos não poderiam ser imputáveis, portanto, à diferença de conteúdos: ao menos procuraremos limitar essa diferença, embora os gestos discursivos participem de sua diferenciação no discurso.

O estudo de gestos discursivos nos artigos escolhidos deve permitir responder à essas questões muito simples, ao aderir à abordagem de conhecimento que foi a do autor : *o que há a conhecer do acento linguístico ? e como procedemos à esse conhecimento?* Os gestos discursivos são assim, no quadro desse estudo, *gestos epistêmicos* (assim como o solicitam os *esquemata* : figuras de um pensamento tanto quanto de formações discursivas). Esse estudo tem portanto uma certa visada epistemológica.

Ela pode assim ter, ainda que indiretamente, uma visada histórica. As datas de publicação de artigos selecionados são espaçadas em tempos por meio de um quarto de século : 1903, 1929, 1957-1958. As referências de artigos são as seguintes :

1. J. Le Gall, « Quelques recherches sur l'accent, le timbre et la quantité des voyelles dans le dialecte breton de Botsorhel », *Annales de Bretagne*<sup>11</sup> 19-2, 1903, pp. 249-266.
2. L. Tesnière, « L'accent slovène et le timbre des voyelles », *Revue des études slaves* 9-1/2, 1929, pp. 89-118.
3. J. André, « Accent, timbre et quantité dans les emprunts du latin au grec postérieurs au III<sup>e</sup> siècle après J. C. », *Bulletin de la Société de linguistique de Paris* 53-1, 1957-1958, pp. 138-158.

O espaço dedicado aqui às análises que seguem nos levam a reduzi-las ao essencial, ao excluir do nosso propósito elementos de contexto, de nuances e de citação, embora muito necessárias.

### 3.2 Uma descrição

O primeiro artigo da nossa seleção é articulado em duas partes, a primeira intitulada « De l'accent », a segunda, mais longa, « Du timbre des voyelles », e comporta ainda dois níveis

inferiores de subtítulos. A despeito dessa carpintaria aparente, a estrutura do artigo poderia entretanto ser melhor estabelecida : certos subtítulos de que a tipografia indica sua pertença ao nível 2 saem manifestadamente ao nível 3, outros, logicamente atendidos, faltam, o mais surpreendente que o título parecesse exigir uma divisão em três partes em lugar de duas, de forma a dar ao estudo, após o acento e o timbre, um lugar equivalente à quantidade de vogais. Nós temos aí de que destacar um primeiro gesto discursivo: aquele de uma *estruturação* de tipo sistemático mas mancante e lacunar. Como interpretar esse gesto com sua defeituosidade ? A estrutura sistemática deixa entender uma *análise*, e por aí, uma *teoria* suscetível de dar conta. Dessa presença teórica subjacente, não é entretanto feita nenhuma espécie de alusão; a muito custo se o nome de Rousselot aparece, quase incidentalmente, na última página, embora o artigo, assim como nós o vemos, seja de muitas maneiras devidas aos *Principes de phonétique expérimentale* (t. I, 1897 ;; t. II, 1901). Se essa estruturação tem um ar negligente e não afixado ao que a justifica, é sem dúvida pois ela não constitui um gesto discursivo diretor. De fato, para nosso artigo, tudo o que concerne à *dispositio* e à *elocutio*, o que J.M. Berthelot chama de « linguagem de exposição » (Berthelot, 1996), a saber, a colocação em posição de argumentos e sua colocação em palavras, parece não ter senão pouco valor. Como a segunda palavra do título – *pesquisas* – indica de cara, é a etapa da *inventio* que parece aqui dar a ler na redação; o emprego de algumas, determinando essas pesquisas, entre outras, em contradição com o efeito de sistematicidade induzido pela estruturação de subtítulos.

Reconhecemos então facilmente que o gesto discursivo dirige a redação do artigo e releva prioritariamente do domínio da *inventio* é a *descrição*. Exceto dois breves parágrafos introdutórios (doze linhas), a totalidade do artigo responde, com efeito, às regras da descrição, por meio do que a estruturação permite parcelar o gesto geral em uma multitude de pequenas células descritivas. Não sistematicamente, a célula é embelezado por um « gráfico » (*sic*), isto é, uma representação de pontos de contato linguais esquematizada por meio de rasuras sobre um desenho do palácio. Nada nos leva a concluir essa descrição. O último parágrafo faz alusão a um caso não descrito mas assinalado em outro lugar, de forma que o artigo se fecha sobre « eu não insiste de outra forma » (p. 266).

No campo do saber, a descrição é um gesto discursivo conjugando a doação do objeto, sua análise e sua exposição. O enunciador assume plenamente essa conjunção, o que lhe permite se situar, a algumas frases de intervalo, tanto quanto o tempo da análise (« « [cet e], je l'ai dans les mots... ») que em um tempo que corresponde ao mesmo tempo à doção do objeto (« meu dialeto ») e a sua exposição (« Eu citarei em meu dialeto »). A ciência realiza assim um registro

do dado, o lugar onde o dado preexistindo e colocado em dia pelo autor se depõe, e a descrição realiza esse registro em um texto. A *dispositio* que ela apresenta é por parte devida a um outro gesto (a estruturação em células) e por outra parte conforme a experiência do dado como a sua experimentação analítica (a organização interna a cada célula concorda com os esquemas ontológicos e cognitivos próprios à divisão do gênero em espécies – ver Bordron, 1991).

Não há lugar para « desmitologizar » aqui um tal gesto discursivo, quando mesmo seu *credo* epistemológico parece ultrapassar muito. Nós só pesquisaremos como ele se constrói, pelo *bias* que ele reforça ou ao contrário se coloca em perigo, e por quais efeitos. De fato, o gesto descritivo geral é acompanhado por uma série de outros gestos mais localizados. Não mencionaremos senão os suscetíveis de aplicação a outros textos do mesmo tipo.

A *exibição técnica* : trata-se de atestar que a descrição científica produzida se distingue de outros modos de descrição, menos certos e mais subjetivos ; do qual a referência tem um aparelho técnico de registro, a presença de medidas cifradas e de « gráficos » (calcados sobre um formato gráfico empregado por Rousselot), o uso de um sistema de transcrição fonética (retomado igualmente em Rousselot), enfim, algumas notas delineando um relato de experimentação. Observemos, além disso, que a obra de Rousselot não tinha aparecido senão seis anos antes e que a publicação do *Atlas linguístico da França* (que não compreende de resto algum estudo sobre o bretão), não teria começado senão em 1902. A exibição técnica da descrição não repousa somente sobre a dependência a uma técnica (instrumental e analítica) mas igualmente sobre sua atualidade. A descrição é assim experimental aos dois sentidos do termo : por seu *credo* epistemológico e pelo caráter relativamente inédito desse tipo de abordagem.

A *concessão* : agruparemos sob esse gesto as marcas enunciativas pelas quais o enunciador toma conta de « casos de consciência », bem distintos daqueles de marcas de autoridade. Isso urge do emprego de um *entretanto* (que não faz estado de alguma objeção anterior mas depende simplesmente da categorização estruturante de células descritivas ; não há, propriamente a falar, contra-exemplos) a uma nota, acrescentada por um releitor, que ele designa por seu nome. Essas marcas concessivas não são capazes de colocar em perigo a descrição em seu conjunto pois elas se limitam a apontar a elementos litigiosos sobre a base da observação e da categorização do dado. Ela não tem de fato a argumentação por finalidade, ainda que façam parte de meios discursivos ordinários de que dispõem. Essas marcas de concessão definem um registro do discurso : a *expertise*. O saber-fazer técnico é acompanhado da exibição de dificuldades emergindo no menu detalhado como tantas provas do nível elevado

de precisão pesquisada na experimentação como na descrição que é feita. Essas marcas concessivas não participam, portanto, à reflexividade de uma argumentação, como elas podem fazer em outros discursos (Perelman et Olbrechts- Tyteca, 1988 : 646), mas aumentam, ao contrário, sobre a continuidade entre a experimentação e sua discursivização, entre a *inventio* e sua *elocutio*.

A *comparação*: técnica descritiva, à parte inteira, ela situa o enunciador em um campo de interpretação que ele procura se antecipar. Na ocorrência, ela mostra que o falar de uma comuna do Finistère é, como em todo estudo de dialectologia, a relacionar com o *standard* francês. Ela remete e chama desse fato à constituição – em curso – da disciplina dialetológica.

A *abreviação*: o caráter sistemático da descrição pode ser temperado, por vezes mesmo neutralizado, pela inanidade da repetição e a falta de alívio do dado (exemplo : « Eu não tenho nada de particular a dizer sobre meu a », p. 259). Como comparação, a abreviação reenvia a uma comunidade científica para e na qual a descrição se normaliza ao apagar-se diante da doação experimental.

A *digressão* : rara, breve e sempre em nota, ela sugere que outras intenções podem vir desestabilizar a descrição, por exemplo, a erudição e a versatilidade de interesses do enunciador. A conjunção entre *inventio* e *elocutio* não pode evidentemente ser perfeita.

Os gestos discursivos que foram evocados mostram que a descrição, a despeito de suas aparências gerais, não é suficiente a ela mesma : ela deve se justificar, se situar e se tornar lisível, se, ao menos, ela procura ser assim um gesto epistêmico. Essa justificação e situação quer tomar, nos artigos que seguem, um lugar grandioso, até transformar absolutamente seu gesto discursivo.

### 3.3 Uma discussão

O segundo artigo do nosso *corpus* adota uma gestualidade que nós podemos qualificar exatamente simétrica àquela que vem ser evocada pelo artigo de Le Gall : é aqui o gesto de descrição que, ainda que fixado em superfície, parece lacunar e se encontra parasitado e substituído, na sua função diretriz, pelo que nós nomearemos *discussão*.

Como anunciado, a matéria tratada por esse segundo artigo é da mesma natureza que aquela do precedente, mesmo a família linguística considerada mudada : trata-se ainda de um estudo fonético que se volta sobre o acento e o timbre de vogais, mais dessa vez em esloveno. Publicado em 1929, o artigo é assinado por L. Tesnière (1883-1954), que é a primeira contribuição substancial a essa revista, a prestigiosa *Revue des études slaves*.

No seu propósito liminar, o artigo se anuncia como « puramente didático » ; é necessário entender por isso que ele não estabelecerá «nenhum fato novo » e se colocará a tornar « claro » o que aparece, aos olhos de numerosos eslavistas, como um fenômeno complicado. O gesto colocado aqui é portanto globalmente aquele de uma apresentação, de uma descrição renovada de materiais já bem conhecidos – a descrição recebendo aqui uma especialização de descrição *melhorada*.

Ou, ainda que o gesto de descrição pareça quantitativamente o mais representado no fio de páginas, a apresentação do plano do artigo deixa de início perceber que esse gesto não é o engenho central, e que a perspectiva de seu *melhoramento* vai tomar o passo sobre o que pareceria de início a determinar. O autor anuncia : « Nós estudaremos sucessivamente as questões seguintes : 1º Acento ; 2º Posição sob o acento ; 3º Timbre de vogais ; 4º Reflexos nos falares » (p. 89). Notaremos aqui que, por relação à estrutura dual do título (« O acento esloveno e o timbre de vogais »), o plano acrescenta dois itens, dois quais o primeiro é objeto de um comentário : « A noção de « posição sob o acento » é importante para o estudo do vocalismo esloveno » (ibid.). Ao qualificar de «noção » uma categoria que se inscreve ao lado do «acento » e do « timbre de vogais », o autor distingue aí a natureza teórica, por relação às evidências empíricas às quais reenviam as duas outras etiquetas. Além disso, essa noção é dita «importante ». Enquanto a gestualidade estritamente descritiva não prevê a hierarquização entre as categorias de dados organizando os paradigmas, entretanto, essas categorias podem o que há a descrever, essa menção de importância procede de um gesto *dialógico* que inscreve o trabalho do linguista em resposta a outras descrições, que não poderiam tomar a medida dessa «importância ». Quanto ao item « Reflexos nos falares », ele não é objeto de nenhum comentário e seu lugar na paradigmática descritiva resta então nesse estado muito obscuro. É um outro índice dessa gestualidade que, no artigo, se sobrepõe à descrição : esse último item não é tanto uma categoria suplementar visando a organizar os dados que um relance da reflexão que problematiza o gesto mesmo da descrição que precede. De sorte que a lógica da descoberta paradigmática se substitui, nesse artigo, uma lógica de exposição tornando pertinente a sucessão de etapas do propósito. Mais precisamente, essa gestualidade que aponta assim a sintagmática do tratamento reservado aos dados, sua *dispositio* mais que sua *inventio*, toma a forma de uma *discussão*.

O basculamento de uma gestualidade centrado sobre a *inventio* a uma gestualidade centrada sobre a *dispositio* se torna sensível através da deixis epistêmica. É o que pode em efeito fazer o objeto de uma dupla leitura, seja considerando como localizador do objeto de

conhecimento, espacializado na arquitetura de paradigmas que organizam a apreensão, seja considerando como localizado o sujeito do conhecimento, temporalizado – e temporalizando com ele seu leitor – na sucessão de sintagmas pelos quais ele comunica seu propósito. No primeiro caso, os marcadores são largamente dispensáveis, pois a distinção em «tipos » e outras categorias descritivas é suficiente para balisar o objeto (e os demonstrativos que encontramos por exemplo nas locuções como « nesse caso » tem um valor anafórico); no segundo caso, os « agora », « até o presente momento », « a partir de agora », « chegados a esse ponto », etc. convidam a sincronizar a experiência de leitura sobre a experiência teórica e tornam pertinente o *tempo* de descoberta próprio à essa experiência. Dizemos que, apresentados a uma certa densidade, eles servem um gesto de *temporalização*, isto é, de estruturação segundo uma balisagem temporal, que, no caso, é subordinado àquele de discussão.

Enquanto tais marcadores são ausentes da seção 1, eles aparecem em introdução e em conclusão da seção 3 (« Examinemos agora [...] », « Se agora, para resumir [...] », « Negligenciemos agora [...] ») e na seção 4 (« Nós não operamos até o presente [...] », « [...] } dois problemas que agora há espaço para abordar », « Conhecendo agora [...] »). Quanto à seção 2, ainda que ela seja de longe a mais breve do artigo, é ela que, como temos pressentido desde o anúncio do plano, faz desviar o gesto de descrição bem representado na seção 1 em direção ao gesto de discussão.

O autor evoca com efeito a hipótese de uma perseguição sem transição da descrição (« diretamente », isto é, sem outra mediação senão a sucessão de categorias : « seria suficiente »), mas o gesto é como preso pela tomada em conta de dados históricos que obrigam a um outro modo de exposição, que torna sensível de cara sua natureza processual (« ponto de partida », ver mais acima : « nós partimos de »). Podemos falar aqui de um gesto reflexivo de *reorientação*, consistindo em refletir sobre a gestualidade em curso e a suspender para propor um mais adequado.

Essa reorientação convoca uma explicitação de novos contratos epistêmicos e uma projeção no novo tempo de descoberta iniciada: «temos que pegar », «temos que estudar », « vamos distinguir », «devemos », « não temos que levar em conta », marcam os parágrafos seguintes dessa mesma seção e constituem um gesto de *injunção*, pelo qual o sujeito de conhecimento se vê assinalar (e assinala do mesmo lado a seu leitor) um programa de trabalho, sob as injunções de um objeto que ele contribuiu a configurar assim. O efeito da modalidade deôntica e de dêiticos epistêmicos é o de instaurar um sujeito de conhecimento e de preparar assim a possibilidade da *discussão*.

O nó central dessa discussão aparece na última seção do artigo, e assume um caráter abertamente dialógico, mesmo polêmico, de que compreendemos que ele constitui em realidade o verdadeiro nó do artigo. Enquanto essa seção final mal conta com mais de quatro páginas sobre trinta que conta o artigo, o autor parece aí retomar o problema *de novo*, ao modificar o quadro do pensamento estabelecido até quando e fazendo aparecer os pontos cegos que tinham implicitamente condicionado o percurso descritivo precedente:

« Não operamos até o presente com as vogais da língua literária eslovena, sem nos demandar quais eram suas correspondências nos falares. Além disso, nós fomos limitados a indicar as grafias da língua literária conforme ao sistema de Pleteršnik, sem levar em consideração a realidade fônica que elas recobrem. Aí estão os dois problemas que agora tem lugar na discussão» (p. 113-114)

Encontramos nessa passagem as marcas de dêixis e de injunção já evocadas, associadas à confissão de um defeito de visão, que convoca «reparação» (« não operamos [...] com », « sem nos demandar », « limitados », « sem dar conta »). O gesto em ação é aquele de uma problematização, e ele se revela particularmente fundamental na arqueologia retórica que nós delineamos aqui. Esse gesto consiste em minar a base epistêmica onde se via até o sujeito do conhecimento, a desconstruir a cena, ou ao menos a provar a fragilidade por uma súbita mudança de escala. A *problematização*, em seu primeiro movimento, não é desprovida de efeitos de dramatização: ao se alterar, o sujeito epistêmico se representa em meio da travessia, tomado em uma busca cujo propósito não está garantido. Além disso, a problematização requalifica retrospectivamente a descrição que precede: de aparentemente regente, ela se torna regida pela discussão, pois as modalidades implícitas da colocação em obra se encontram subitamente questionadas.

O «sistema de Pleteršnik» é substituído nos seus condicionamentos sociolinguísticos e notacionais; é assim abertamente criticado por sua falta de coerência interna (p. 116), o que corresponde bem a um gesto de discussão levado a seu polo mais polêmico, a saber, aquele de um sujeito epistêmico em vista de um outro tanto quanto tal (« Pleteršnik o próprio »).

Isso dito, a problematização pode apresentar, como aqui, um pendente dialético em seu movimento de desconstrução. Após ser colocado em derrocada, o sujeito epistemológico se reconstrói, e com ele sua linguagem e seu objeto, de forma que o gesto de problematização toca nos pilares mesmos do empreendimento discursivo.

O primeiro efeito do inverso prospectivo e positivo do gesto de problematização se assimila a uma encapacitação. Trata-se de recarregar o programa epistêmico, de abrir um novo espaço

de discurso de conhecimento, de novo desligado da discussão e pronto a reiniciar uma lógica descritiva desengatada (p. 115).

Em segundo lugar, a problematização toca necessariamente na linguagem mesma pela qual se constrói e se diz o conhecimento (p. 117-118). A cena aqui apontada é aquela da terminologia em uso em um campo disciplinar («chamamos»); o gesto consiste em deportar potencialmente a discussão sobre essa outra cena, que religa sob uma forma condensada o lugar da discussão primeira: a substituição da «entonação» por «variação da intensidade» aparece como a consequência terminológica de reajustamento notacional operado nas páginas precedentes.

Enfm, em terceiro lugar, a problematização conduzida sobre uma requalificação de fatos, na ocorrência sobre sua instrumentalização em uma fingida indução: «Esse conjunto de fatos vem confirmar a lei geral, frequentemente formulada por A. Meillet, segundo o qual o acento de assombro não exerce nenhuma influência sobre o timbre de vogais, enquanto o acento de intensidade lhes faz sofrer alterações profundas» (p. 118). Aqui ainda, trata-se portanto de substituir o propósito do artigo em uma perspectiva que o ultrapassa, àquele de uma «lei geral». É, além disso, chocante constatar que o termo *fatos*, de que vimos mais acima como ele era ligado ao gesto de descrição, reaparece aqui no fechamento do artigo.

De forma que, ao final, a discussão, que emerge por ruptura com a descrição é acompanhada da instauração de um sujeito epistêmico, se encontra aqui reconfigurada à favor de uma problematização, que frustre e nuanceie o processo de subjetivação à obra na passagem de uma gestualidade da *inventio* à uma gestualidade da *dispositio*. No seu auge, esse processo de subjetivação engaja o sujeito epistêmico em um *ethos* de polemista que contraria às injunções deontológicas implícitas do campo científico; a problematização, no seu versante construtivo, devolve a esse sujeito dois guardrails, como espécie de um jogo de denominação e um jogo de generalização. Resta que a constituição de um *ethos* aparece bem, de maneira geral, como um dos jogos aos quais se confronta o sujeito epistêmico desde que ele se desvie da gestualidade descritiva. O terceiro e último tempo de nosso percurso consistirá em observar quais gestos, fora da discussão, podem tomar lugar nesse jogo.

### 3.4 Uma elucidação

O terceiro artigo do nosso corpus foi publicado em 1958 no *Boletim da Sociedade Linguística de Paris*, por J. André. Seu título anuncia com precisão o assunto que será tratado e contrasta assim singularmente com o muito vago «algumas pesquisas» de J. Le Gall e o muito genérico «O acento esloveno e o timbre de vogais» de L. Tesnière; uma exigência de



precisão própria a um imaginário científico evocado no título. Tratar-se-á, com efeito, de se confrontar aqui a uma questão específica e que resiste : se o autor indica que o « problema do acento foi resolvido de forma *muito simples* para os empréstimos antigos resolutamente latinizados » (sublinhamos), visto que « eles têm, de uma forma geral, tomado o acento do latim » (p. 138), lemos imediatamente que não acontece o mesmo para os empréstimos mais tardios, sendo dado que « os romanistas assinalaram frequentes mudanças de acentuação nos nomes romanos derivados de empréstimos do grego » (p. 139) ; esses últimos propuseram para os termos emprestados mais recentemente uma explicação: « o empréstimo puro e simples do acento grego » (p. 140). O artigo se abre, portanto, sobre um gesto de *exposição* pelo qual o autor entende dar conta, de maneira sintética e crítica, ao mesmo tempo do assunto, de aquisições anteriores e problemas que demandam ser estudados mais adiante.

O leitor percebe então rapidamente que o percurso ao qual ele é convencido se encontra dirigido por uma gestualidade mais central, aquela da *elucidação*, que o gesto liminar de *exposição* vem já inscrever no movimento do texto, ao introduzir os ingredientes da enquete vai seguir : tratar-se-á de fazer a luz sobre essa zona confusa do contato linguístico entre o latim e o grego e de propor uma solução satisfatória a um problema (que não era então mesmo identificado como tal). A necessidade dessa *elucidação* é posta em cena por J. André desde o fim da *exposição* e veste os trajes do acaso— « como Th. Clausen ao assinalar alguns raros exemplos em Prudence [...] eu tinha a curiosidade de verificar o fato nos poetas latinos cristãos » (p. 140, tivemos ocasião de encontrar mais detidamente sobre a construção do *ethos* aferente). O « exame de fatos » lhes tendo mostrado « mais complexos e suscetíveis de uma explicação diferente » (ibid.), um exame aprofundado se faria necessário<sup>12</sup>.

Segundo traço do imaginário científico que atravessa essa contribuição, o autor entende dar a esse exame a forma de uma « demonstração » (p.140). Dizemos bem *forma* e não *gesto*, não que uma não possa resultar da outra, mas porque o exposto proposto por J. André, ao emprestar aos princípios e a certos componentes da demonstração, procede de um gesto mais complexo que aquele que visaria « simplesmente » a estabelecer uma verdade (como acontece, a explicação de um fenômeno linguístico) a partir de um raciocínio dedutivo. É o que nós queremos mostrar.

Essa demonstração exibida e reivindicada, não ao acompanhar menos uma série de gestos — para a maior parte já evocadas mais acima — que dão corpo à ambição de uma lógica demonstrativa: uma atenção voltada de início à *estruturação* do propósito, em seguida à

---

<sup>12</sup> Encontramos aqui sob uma outra forma a injunção de dados evocada mais acima (ver 3.3).

*descrição*, visando à sistematicidade e à exaustividade no catálogo de «fatos» (p. 142-150), enfim à *falsificação*, consistindo em desconstruir as explicações anteriores.

A parte conclusiva (p.158-160) vem, entretanto, minar essa aparência de « demonstração ». Com efeito, se as refutações que precedem permitem estabelecer negativamente que «o agora do timbre é excluído, [e que] somente o acento pode dar a explicação do fenômeno» (p.156), nada no que precede anuncia explicitamente o *deus ex machina* aportando com ele a explicação nova:

Todos os autores de artigos citados acima falam de conformidade do acento latino ao acento grego, como se esse último fosse, na época de fatos considerados, de mesma *natura* que à época clássica (onde ele não desempenhou nenhum papel nos empréstimos), e como se ele não sofresse nos primeiros séculos de nossa era uma terrível transformação que pesa sobre toda a palavra. Um acento de duração se junta então em efeito ao antigo acento de altura e favorece a isocronia (p. 156)

Similarmente ao que nós observamos em L. Tesnière, reencontramos – em conclusão – um gesto dramatizado (« todos », « terrível transformação », de *problematização* : esse último aporta uma nova dimensão à questão ao aniquilar o universo de crença, o porão epistêmico (« como se... e como se.. ») sobre o qual repousam as hipóteses anteriores. Assim esse último gesto esclarece, a contagem regressiva, à gestualidade sub-tendente o *logos* do artigo no seu conjunto : a de uma *elucidação*. Além do fato que a conclusão não decorre de premissas (como queria uma demonstração em boa e devida forma), mas necessita uma mudança de perspectiva, vários índices vem confortar essa leitura do gesto enunciativo diretor do artigo.

De início, como em todo bom romance policial, o autor certifica-se de adicionar a seu texto índices – anunciando tudo ou parte da solução. Assim, na sua descrição de « alterações anormais » que são « sem relação com o acento da palavra... », J. André, após ter mencionado quatro primeiros tipos de explicações, introduziu o quinto com uma ênfase certa : « de toda outra importância é a passagem de DI *ai* a *e* [...] » (p. 149). Na leitura das conclusões do artigo, a « importância » dessa alteração aparece evidentemente à luz (p. 158).

A insistência sobre a maestria do grego pelos poetas latinos cristãos, em particular do grego contemporâneo, toma igualmente seu sentido. É chegada às conclusões que compreendemos plenamente o objeto de certas observações (*a priori* insignificantes e podendo ser interpretadas, em um primeiro momento, como procedendo de puras *digressões*, ver 3.2).

Mas sobretudo, esse gesto diretor de elucidação vai de par com o *ethos* do *pesquisador*, que o sujeito epistêmico entende se construir ao longo da contribuição. Esse *ethos* repousa sobre várias dimensões complementares. Mencionemos (sob reserva de inventário) a « curiosidade »

(p.140) que tem o pesquisador a agir e o guia sobre o caminho da « descoberta » (por exemplo, « não são mais dois ou três termos, mas sessenta, que eu descobri, bem atestados e frequentemente sobre vários séculos », p. 140). Em segundo lugar, o pesquisador deve fazer mostra de uma capacidade de julgamento, de clarividência na pesquisa, que lhe permite distinguir o verdadeiro do falso ; o que se lê por baixo de gestos renovados de encapacitação (que ele deve reconhecer na crítica, mesmo axiologizada, de pares: a melhoria do conhecimento parece dever passar por uma depreciação de trabalhos anteriores). Enfim, o pesquisador, seja ele o linguista, deve ser um científico à parte inteira. O conjunto de marcas de cientificidade relevadas acima (tanto em nível gestual quanto formal) participam dessa dimensão e as glosas metodológicas do tipo « para evitar todo risco de erro tornando a interpretação caduca » (p. 141) sendo testemunhos evidentes.

Em suma, a arqueologia retórica desse terceiro artigo mostra que o gesto de elucidação implica uma *inventio* sem falha – que dá a ver a descrição sistemática e exaustiva de alterações acentuais entre o grego e o latim – e uma *dispositio* hábil : aquela que deve permitir conduzir um certo suspense na argumentação científica (notadamente através de ciclos de hipótese-falsificação) e conduzir a uma resolução inatendida, graças ao aporte de um elemento conduzindo a uma *problematização* renovada. Os dois polos da retórica precedendo a *elocutio* são portanto mobilizados em grau significativamente elevado na elaboração desse tipo de discurso científico, e isso não é sem efeito sobre o *ethos* que se coroa o sujeito epistêmico : o problema a elucidar requer todas as qualidades de um pesquisador, não somente em termos de curiosidade e de capacidade de julgamento, mas ainda em termos de maestria e adesão às normas da *elocutio* científica. É, parece, o preço da credibilidade, que parece perfeitamente se acomodar da polêmica *ad hominem* por mais que ela seja (ainda que pouco) referenciada.

## Conclusões

Nessa contribuição, nós propomos deslocar a análise de figuras da esfera do enunciado (resultado do *elocutio* ou lexis) – onde elas são geralmente descritas – àquela da enunciação. Por que ela é ação, a enunciação implica com efeito uma forma de figuração que nós sugerimos analisar como uma *gestualidade* de que podemos observar os traços no enunciado. Aplicada à ciência, essa retórica impõe tomar a sério o projeto epistêmico do autor a fim de compreender os gestos que guiaram a *implantação do discurso* e são, por consequência, constitutivos. Não é

senão ao preço que o intérprete possa destacar nos textos científicos, com fins históricos e epistemológicos, uma intencionalidade à qual não é, além disso, tomada. Vemos assim, em particular com a « demonstração » afirmada por J. André, que o enunciador nomeia por vezes o gesto discursivo dirigindo seu texto, maneira de apostar sobre sua recepção, sem que essa reflexividade coincida necessariamente com a análise retórica que é feita.

a) *Em direção a uma caracterização de gestos*

A partir de análises propostas (3.2-4), podemos destacar algumas características comuns aos gestos discursivos no artigo de linguística em revista, sem procurar – para esse estado - tipologizar as diferentes formas de gestualidades observadas.

De início, os gestos não são estreitamente circunscritos ou localizáveis no enunciado : relevando da enunciação, eles não deixam senão traços mais ou menos explícitos e trata-se de proceder a uma análise retórica permitindo reconstruir o desenho/projeto do discurso, sua implantação enunciativa.

Corolariamente, a sitnaxe de gestos é uma sintaxe de entrelaçamento. Os discuross são subentendidos por grandes gestos diretores – tais como a descrição (3.2), a discussão (3.3), a elucidação (3.4) -, mas esses últimos não convocam menos outros gestos que participa mao surgimento do enunciado. De um mesmo texto, uma mesma seção, uma mesma proposição, mesmo uma mesma expressão, podemos encontrar os traços, co-ocorrentes, de gestos variados (em função da escala que entendemos privilegiar) que fundam e estruturam o *logos*.

Isso nos conduz a destacar uma terceira característica da gestualidade. Entre as etapas prévias à colocação em palavras, certos gestos parecem relevar de uma lógica de descoberta e recenseamento próprio à *inventio* (é o caso da descrição, notadamente em 3.2 com o catálogo de fenômenos acentuais), certas parecem relevar sobretudo do agenciamento sintagmático, da estruturação do discurso, característico da *dispositio* (como a discussão em 3.3 onde tratava-se de fazer emergir uma melhor descrição graças a uma sintagmática discursiva teleológica), entre outras, enfim, recorrem manifestadamente a essas duas dimensões de maneira conjunta (como a elucidação, em 3.4 onde o enunciador combinou os dois domínios, .. as possibilidades heurísticas e estruturando seu discurso na forma de uma pesquisa). A *inventio* e a *dispositio* são assim visadas como continuum se combinando (mais que se sucedendo) de forma a dar justiça à complexidade de gestos constitutivos do discurso.

b) Os efeitos da gestualidade : do ethos ao pathos

Procuramos essencialmente descrever a maneira pela qual os gestos constroem o discurso racional do linguista, seu *logos*. Todavia, de estudo de caso em estudo de caso, temos paralelamente notado os efeitos do *ethos*, mais e mais massivos, que decorrem desses gestos: ao construir a enunciação, os gestos modelam a figura do enunciador.

Assim, a *concessão* e a *exibição técnica* do primeiro artigo participam muito diretamente à preparação de um *ethos* de expert. No segundo artigo, esse aspecto é secundário: os gestos repetidos de encapacitação, de submissão aos dados e a problematização final contribuem a fazer emergir a figura de um sábio à ética irrepreensível e à engenhosidade certa. Essa dimensão é ainda acentuada no *ethos* de pesquisador que decorre do gesto de *elucidação*: ele necessita de curiosidade, rigor, capacidade de julgamento, mas – talvez mais ainda – uma sagacidade que permite fazer luz sobre uma questão que resiste. Observamos, portanto, que longe de se limitar aos jogos de conhecimento de um discurso racional, um dos pontos de fuga do discurso do linguista parece bem residir na constituição de um *ethos* específico.

Além disso, a *dispositio* dos dois últimos artigos (que implicam, cada uma a sua maneira, uma desordenação final do porão epistêmico) aponta em direção a uma outra dimensão que nós tínhamos até aqui elucidado, aquela da construção do enunciatário – que implica logicamente toda enunciação. Ao lado do efeito do *ethos*, os efeitos do *pathos* sejam facilmente lisíveis atrás da gestualidade enunciativa. Assim, a *temporalização* e a *reorientação do discurso* no segundo artigo do nosso corpus, o ciclo de falsificações e a resolução final no terceiro contribuem a uma *dramatização* do propósito próprio a manter o leitor em alento. Na mesma ordem de ideias, as citações e alusões críticas assim como as polêmicas entre pares contribuem para excitar as paixões do leitor e remetem diretamente aos jogos de comunitarização.

### c) Gestos e imaginários do saber

Nosso estudo de gestos contribui talvez enfim a mostrar que os discursos de saber podem repousar sobre imaginários variados, que parecem infletir sempre mais em direção à cientificidade. Partindo, é claro que ela questiona, ao colocá-las em perspectiva, as práticas atuais de escritura científica, em linguística como antes. Os esboços redacionais de mais a mais impostos frequentemente, são de maneira direta e explícita para as instituições (comissões de avaliação aos comitês editoriais) são de maneira indireta e implícita pela coletividade de pesquisadores dependendo dessas instituições, limitam fortemente as escolhas e a apropriação de gestos discursivos entendidos como movimentos próprios ao pensamento e ao discurso de um sujeito. Um esboço tal que « objetivo da pesquisa – estado da questão – apresentação do

corpus – colocação no ponto metodológico – análises – conclusões e aberturas » impõe ao enunciador coletivizado e dessubjetivizado que inflete a prática do saber. Que ganhamos com isso? Nosso percurso indica em todo caso que nós perdemos.

### Referências bibliográficas

- ADAM, J.-M. (1990), *Éléments de linguistique textuelle*, Liège, Mardaga.
- ADAM, J.-M. (1992), *Les Textes : types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*, Paris, Nathan.
- AMOSSY, R. (2000), *L'Argumentation dans le discours*, Paris, Nathan Université.
- ARISTOTE (1973), *Rhétorique*, t. 3, Paris, Les Belles Lettres.
- ARISTOTE (1973), *Rhétorique*, t. 3, Paris, Les Belles Lettres.
- AUBRAL, Fr., Chateau D. (dir.) (1999), *Figure, figural*, Montréal-Paris, L'Harmattan.
- Auerbach E. (1993), *Figura*, Paris, Belin.
- BARONI, R. (2007), *La Tension narrative*, Paris, Seuil.
- BARTHES, R. (2002 [1977]), *Fragments d'un discours amoureux*, in *Œuvres complètes*, t. 5, Paris, Seuil.
- BERTHELOT, J.-M. (1996), *Les Vertus de l'incertitude*, Paris, PUF.
- BORDRON, J.-Fr. (1991), « Les objets en parties (esquisse d'ontologie matérielle) », *Langages*, n° 103, pp. 51-65.
- BONHOMME, M. (2005), *Pragmatique des figures du discours*, Paris, Honoré Champion.
- CAVAILLES, J. (1938), *Méthode axiomatique et formalisme*, Paris, Hermann. Coulon É. (2004), *Rendez-vous avec la connaissance*, Paris, Le Manuscrit. Genette G. (1972), *Figures III*, Paris, Seuil.
- GERVAIS B., Lemieux A. (dir.), *Perspectives croisées sur la figure : à la rencontre du lisible et du visible*, Montréal, Presses de l'Université du Québec.
- Groupe  $\mu$  (1970), *Rhétorique générale*, Paris, Larousse.
- GUERIN Ph. (2001), « *Spetiosum simulachrum...* : Le commentaire ficinien du *Banquet* de Platon », in Cossuta F. et Nancy M. (dir.), *La Forme dialogue chez Platon : évolution et réception*, Grenoble, Jérôme Millon, pp. 257-291.
- JAUSS H.-R. (1978), *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard.
- JOLLES A. (1972 [1930]), *Formes simples*, Paris, Seuil.
- LYOTARD J.-Fr. (1971), *Discours, figure*, Paris, Klincksieck.

- MAIA T. (2014), « L'art avant l'art », in Maia T. et Fangeaux Ph. (dir.), *Le Geste de l'art. O gesto do arte*, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, École supérieure d'art des Pyrénées, pp. 75-98.
- MAINGUENEAU D. (1991), *L'Analyse du discours : introduction aux lectures de l'archive*, Paris, Hachette.
- MAINGUENEAU D. (1993), *Le Contexte de l'œuvre littéraire : énonciation, écrivain, société*, Paris, Dunod.
- MOLINIE G. (1997 [1992]), *Dictionnaire de rhétorique*, Paris, Librairie générale française.
- NEF, F. (1980), « Note pour une pragmatique textuelle. Macro-actes et dérivation indirecte », *Communications*, n° 32, pp. 183-189.
- NORMAND, C. (2006), *Allegro ma non troppo : invitation à la linguistique*, Paris, Ophrys.
- PERELMAN, C., OLBRECHTS-TYTECA, L. (1988 [1958]), *Traité de l'argumentation*, Bruxelles, Éditions de l'Université de Bruxelles.
- PEYTARD, J., Moirand S. (1992), *Discours et enseignement du français : les lieux d'une rencontre*, Paris, Hachette.
- PICHE D., LAFLEUR, C. (1999), *La Condamnation parisienne de 1277*, Paris, Vrin.
- PUGLIA, E. (2014), « Verso un'archeologia tematica : lo sguardo delle cose », *Between*, vol. 4, n° 7, disponible sur : <http://ojs.unica.it/index.php/between/article/view/1118>.
- RABATEL, A. (2008), « Figures et points de vue en confrontation », *Langue française*, n° 160, pp. 3-17.
- RASTIER, F. (1997), « Les fondations de la sémiotique et le problème du texte. Questions sur les *Prolégomènes à une théorie du langage* de Louis Hjelmslev », in Zinna A. (dir.), *Hjelmslev aujourd'hui*, Turnhout, Brepols, pp. 141-164.
- RICŒUR, P. (1975), *La Métaphore vive*, Paris, Seuil.
- RINCK, F. (2010), « L'analyse linguistique des enjeux de connaissance dans le discours scientifique : un état des lieux », *Revue d'Anthropologie des Connaissances*, vol. 4, n° 3, pp. 427-450.
- ROUSSELOT, J.-P. (1897-1901), *Principes de phonétique expérimentale*, t. 1, Paris-Leipzig, Welter.
- SAUVANET P. (1998), « Imitation et figuration dans la *Poétique* d'Aristote », in Sauvagnargues A. (dir.), *Art et philosophie*, Paris, ENS éditions, pp. 45-56.
- SCHIARITTI, F. (2013), « Conversation d'Ancien Régime: représenter la sociabilité des Lumières après 1789 », in Cossic-Péricarpin A. et Dachez H. (dir.), *La Sociabilité en France*

*et en Grande-Bretagne au siècle des Lumières : l'émergence d'un nouveau modèle de société*, t. 2, Paris, Le Manuscrit, pp. 159-178.

TUTIN, A., GROSSMAN, F. (dir.) (2014), *L'Écrit scientifique : du lexique au discours. Autour de scientext*, Rennes, PUR.

VAN DIJK T. (1977), *Text and context : Explorations in the semantics and pragmatics of discourse*, Londres, Longman.

ZANGARA A. (2007), *Voir l'histoire : théories anciennes du récit historique, II<sup>e</sup> siècle avant J.-C.- II<sup>e</sup> siècle après J.-C.*, Paris, Éditions de l'EHESS-Vrin.

ZILBERBERG, C. (2010), *Cheminements du poème. Baudelaire, Rimbaud, Valéry*, Jouve, Limoges, Lambert-Luc